

LINGUASAGEM

APRESENTAÇÃO NÚMERO TEMÁTICO HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA: REFLEXÕES DA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA EM QUATRO ARTIGOS E UMA ENTREVISTA

Organizadoras

Olga Coelho¹

Bruna Polachini²

Julia Lourenço³

Nos últimos anos, a reflexão retrospectiva sobre as formas de lidar com a linguagem tem sido assegurada em diversos circuitos acadêmicos, talvez porque ela permita não apenas um olhar mais acurado e crítico acerca das pesquisas contemporâneas em linguística, mas também o reforço de uma identidade científica historicamente marcada, apesar de toda a fragmentação que esse campo científico tem apresentado ao longo do tempo. Ainda que inicialmente a comunidade acadêmica envolvida com a escrita da história da Linguística tenha buscado se pautar em modelos relacionados às ciências naturais (*cf.* Altman, 2012), verifica-se, ao longo das décadas, a incorporação, cada vez maior, de referências e estratégias específicas, mais atentas às dinâmicas das ciências humanas, em geral, e das tradições de estudos da linguagem, em particular,

¹ Doutora em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo, realizou estágio de pós-doutorado na Tokyo University of Foreign Studies. É professora do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, onde coordena o CEDOCH (Centro de Documentação em Historiografia Linguística). Contato: olgafc@usp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3059941226773194>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3688-5627>. CIÊNCIA VITAE: <https://www.cienciavitae.pt/E018-3BC3-4F69>

² Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, Pós-doutora em História da Educação pela Universidade de Lisboa e Pós-doutoranda em História da Educação na Faculdade de Educação da USP e bolsista de pós-doutorado FAPESP (processo n. 2020/06753-4). Contato: bpolachini@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5084036924103715>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3004-3568>

³ Julia Lourenço é professora no Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, campus Araraquara. Doutora em Letras pela FFLCH/USP, realizou estágios de pós-doutorado na USP, UFSCar e Université Sorbonne Paris-13. Contato: julia.lourenco-costa@unesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5592296124389416>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8571-8879>

como, por exemplo, as realizadas por Dell Hymes (1983), Konrad Koerner (1989, 1996), Stephen Murray (1994), Pierre Swiggers (2004, 2012), entre outros.

A historiografia linguística firmou entre nós certos princípios, sejam eles referentes à legitimidade dos temas, dos materiais utilizados, dos critérios e das formas de trabalho. Compreendida como subdisciplina da própria linguística, a historiografia quer instigar aquelas/aqueles que atuam no amplo e diversificado campo dos estudos da linguagem a discussões pertinentes ao seu desenvolvimento, pretérito e atual. Sem perder de vista as questões “[...] ideológicas que atravessaram o campo das ciências da linguagem” (Altman, 2012, p. 22), a historiografia quer estar atenta aos significados que emanam da/na experiência histórica de produzir e compartilhar conhecimentos linguísticos, sejam estes mais ou menos formalizados.

Em vista do crescimento atual dessa subárea da linguística, este número especial da *Linguasagem* foi destinado aos estudos em historiografia linguística. Abriu-se, assim, à apresentação de diferentes gêneros textuais acadêmicos e propôs a exploração destas temáticas frequentemente em pauta na área: perspectivas da pesquisa em historiografia linguística; historiografia linguística antiga, medieval e renascentista; historiografia linguística dos séculos XVIII, XIX e XX; historiografia linguística e ensino; historiografia da gramática; historiografia do tratamento de línguas não-indo europeias e historiografia linguística e ideologia. A proposta procurou atender a um já notável processo de especialização da historiografia, especialidade cujas/cujos pesquisadoras/pesquisadores, por um lado, se mantêm ainda bastante afinadas/afinados quanto a pressupostos teóricos e metodológicos, porém, por outro lado, experimentam o exame de objetos que exigem olhares particularizados e treinados para especificidades do saber linguístico que emerge e se desenvolve sob variadas contingências históricas.

Conforme as diretrizes da política editorial da Revista e os pareceres por pares para cada um dos textos submetidos, foram selecionadas as contribuições de:

Rogério Augusto Monteiro Cardoso (doutor pela Universidade de São Paulo), que refaz parte do percurso histórico dos pronomes demonstrativos *isto*, *isso* e *aquilo*, desde a origem latina ao português, para, em seguida, examinar como 16 gramáticas lusitanas de língua portuguesa, publicadas entre os séculos XVI e XXI, os tratam. Os resultados desse exame histórico e historiográfico longitudinal sublinham controvérsias significativas no tratamento dessas formas linguísticas ao longo da história da gramática portuguesa, constituindo-se, assim, como uma possibilidade produtiva da análise de continuidades e rupturas.

Fábio Albert Mesquita (doutorando na Universidade Federal da Paraíba) e Francisco Eduardo Vieira (Universidade Federal da Paraíba) analisam propostas de ensino de português presentes nas duas edições das *Notas sobre a Língua Portuguesa* (1893, 1894), de Julio Pires Ferreira (1868-1930), capturando um ‘caso’ em que a tentativa de incorporação de conhecimentos que emergiam em contextos científicos de estudos da linguagem a um compêndio escolar parece ter encontrado resistências significativas. O artigo mostra que “na reedição da obra, a reivindicação inicial de escolarização dos estudos advindos da linguística histórico-comparativa é substituída pela reprodução dos conteúdos gramaticais tradicionalmente previstos nos programas de ensino e nas gramáticas de feição prática”. Com efeito, diferentes investigações têm comprovado a persistência e a força de ideias e práticas relativas às línguas originadas na chamada gramática tradicional, sejam elas atinentes aos dados privilegiados, a formas de análise, a avaliações e julgamentos sociais de usos linguísticos. O estudo convoca uma série de dados contextuais à interpretação desse caso, em uma tentativa de interpretação do recuo feito pelo autor entre uma edição e outra.

O texto de Leonardo Kaltner (Universidade Federal Fluminense), por sua vez, discute as ideias linguísticas de Ernesto Faria (1906-1962) acerca da gramática do latim e do seu ensino, com especial atenção às obras *Gramática Superior da Língua Latina* (1958) e *Introdução à Didática do Latim* (1959), nas quais o filólogo lidou com a história da gramática do latim no Brasil. O estudo de Kaltner operacionaliza o conceito de recepção em historiografia linguística, tal como apresentado em Altman (2018), para articular as ideias de Ernesto Faria e o interesse historiográfico atual pelo estudo da tradição gramatical latina no país.

O trabalho de Leandro Silveira Araújo (Universidade Federal de Uberlândia) procura oferecer um mapeamento preliminar da produção e da circulação de gramáticas de espanhol e de português como línguas estrangeiras no Brasil. As obras encontradas foram analisadas em relação a informações sobre autoria, período e local de publicação, edição, entre outras que as situam em relação a contextos editoriais variados. Ao percorrer esses dados, o artigo oferece um primeiro quadro geral da produção voltada para o ensino dessas línguas como línguas estrangeiras no país, além de delinear um conjunto de temas para a sua análise historiográfica.

Ao lado desses quatro artigos, integra o volume também uma entrevista, realizada por Silvana Silva (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) com Izidoro Blikstein. A conversa, relatada a partir de anotações feitas pela entrevistadora, traz à tona aspectos da

produção editorial da tradução de *Linguística e Comunicação* (1976), coletânea tornada clássica, de Roman Jakobson (1896-1982). Como tradutor da obra, o Professor Izidoro transita por temas que dizem respeito a suas percepções e ao seu fazer, mas também pontua questões que envolvem o conhecimento linguístico e a organização institucional da Linguística no Brasil entre 1960 e 1970.

Chamou nossa atenção o fato de a maioria dos trabalhos selecionados lidar com gramáticas, algumas mais antigas e outras mais atuais, de língua portuguesa, do latim ou do espanhol, seja com atenção às suas formas de tratar temas linguísticos, seja com interesse em compreendê-las e interpretá-las em correlação com circunstâncias pessoais, institucionais, educacionais e socioculturais.

Os estudos sobre a história da gramática em historiografia linguística têm sido realizados com constância no Brasil, e, mais recentemente, despertado o interesse de vários jovens pesquisadores – a exemplo de Polachini (2018), Vieira (2018), Anjos (2016), Beccari (2017) – e vários grupos de pesquisa emergentes em todo o país (USP, UFF, UFRJ, FBN, UFPR, UFPB, UFPI, UFU, UFJF, UFAM, PUC-SP, UNESP). Em consequência, têm sido elaboradas dissertações e teses sobre gramática em praticamente todas as instituições que se envolveram com a pesquisa historiográfica no país, assim como têm sido produzidos livros, artigos e uma grande quantidade de palestras e comunicações voltadas para o entendimento das ideias, das práticas e das contingências que cercam a produção e a circulação desse tipo de obra. Esse contexto de aquecimento do tema permitiu, ademais, a publicação de obras de referência, como as de Cavaliere (2022) e Borges Neto (2023), que sintetizam percursos mais longos de estudos historiográficos e filosóficos da gramática do português.

O aparente incremento do interesse pela gramática tradicional aponta, talvez, para uma busca de algo como origens, permanências ou estabilidade em um campo tão marcado pela fragmentação e busca de renovação como o da linguística. A existência milenar da gramática é uma espécie de comprovação empírica de que há continuidade, conservação, tradição no campo de estudos da linguagem. Entretanto, e paradoxalmente, estudos como os de Borges Neto (2018) demonstram o quanto essa tradição milenar tem ignorado uma grande parte daquilo que as ciências da linguagem produziram, sobretudo a partir do século XIX. O modo de tratar as línguas das gramáticas tradicionais, em especial das escolares, de algum modo, flerta com os “bons usos” e com a normatização. Assim, escrutinar a história das gramáticas talvez crie oportunidades para se pensar em como o conhecimento pode ser atravessado, nos mais diferentes âmbitos, por relações de

poder; neste caso, aquelas que sustentam, por exemplo, variados preconceitos e políticas de controle linguístico.

O autor também sublinha um outro traço da história da relação entre a linguística e a gramática, neste caso, mais circunscrito ao próprio campo de trabalho com a linguagem, que é o que nomeia como o de “naturalização” da teoria gramatical tradicional. Essa espécie de herança, principalmente, mas não apenas, terminológica, pode ser notada até em modelos que se apresentam como altamente inovadores, como o da Gramática Gerativa:

[...] a noção gerativa de pronome não corresponde à noção tradicional de pronome, apesar da identidade do termo em ambas as abordagens. Não obstante, os professores de Gramática Gerativa usualmente servem-se do conhecimento da noção tradicional de pronome para, a partir dela, apresentar a nova noção (Borges Neto, 2018, p. 3).

A longevidade dessa tradição de estudos, ao lado de sua persistente influência nos âmbitos social e científico, a tornam referência fundamental, e, dessa forma, um objeto quase inescapável aos que desejam conhecer a história dos estudos linguísticos. Afinal, como nos lembra Auroux (2009), por cerca de dois milênios a gramática foi um dos saberes linguísticos mais trabalhados no Ocidente e nos últimos quinhentos anos teve uma enorme expansão ao ser utilizada na descrição de milhares de idiomas. Embora tenha mantido boa parte de sua estrutura, passou por mudanças quanto à concepção de linguagem e, conseqüentemente, à forma de descrever as línguas. Esteve, ademais, em função de diferentes projetos, da dominação de povos à educação de crianças. Os trabalhos sobre gramáticas aqui reunidos lidam com a produção e a publicação desse tipo de texto em diferentes contextos e com impactos diversificados tanto para o ensino linguístico quanto para a produção e propagação do pensamento crítico sobre a linguagem.

A entrevista com Izidoro Blikstein, que se pode considerar como uma fonte para a historiografia linguística, resulta de um processo detalhado de circunscrição de tema específico (a elaboração de uma tradução de obra impactante), perpassando, contudo, vários outros que dizem respeito ao contexto acadêmico em que Izidoro, Jakobson e sua obra circularam no Brasil. Então recentemente implementada no país, a linguística sincrônica exigia uma série de medidas, fossem elas destinadas à difusão das ideias em gestação nos centros internacionais de pesquisa, ao ensino de linguística nos cursos de

letras (e em outros, como os de antropologia), ao gerenciamento de tensões do ambiente acadêmico e do complexo tempo político e social. Várias dessas temáticas se insinuam no diálogo anotado.

Os textos que compõem este número especial da *Linguasagem* têm em comum a busca de explicitação detalhada dos parâmetros para a realização das investigações, a mobilização de corpora originais e a tentativa de inserção do ideário linguístico em determinado contexto sociocultural. Tais características são especialmente importantes na historiografia linguística, cuja teoria e metodologia – às vezes chamada de metahistoriografia – vem sendo discutida cuidadosamente há décadas por seus precursores e por novos pesquisadores.

A maioria dos textos, além disso, destaca personalidades (masculinas) proeminentes em diferentes espacialidades e cronologias (Izidoro Blikstein (1938), Roman Jakobson (1896-1982), Ernesto Faria (1906-1962), Julio Pires Ferreira (1868-1930), gramáticos lusitanos do século XVI a XIX), assinalando a categoria ‘autor’ como uma entrada frutífera para a investigação historiográfica, ainda que ela frequentemente exija mediações e ponderações que diluam e redimensionem a perspectiva heroica.

A produção (caso da entrevista) e a interpretação (casos dos artigos) de fontes para a historiografia linguística demandaram evidentes cuidados de pesquisa que os textos finais deixam entrever quanto à apreensão e à explicitação de significados. Cuidados que remetem desde aos elementos ‘internamente’ condensados nesses documentos até os dirigidos a aspectos de um amplo conjunto de contingências pessoais, cognitivas e sociais. Dessa forma, tangenciam questões de autoria, tempo e processo de elaboração dos trabalhos em linguística, instâncias de circulação e discussão imediata, relações com outros textos, interpretações posteriores, dinâmicas de atualização para leitores e circunstâncias atuais, entre outras coisas.

REFERÊNCIAS

ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da linguística brasileira. **Todas as Letras**, v. 14, n.1. São Paulo, 2012.

ALTMAN, Cristina. Zeitgeist Em homenagem a Evanildo Bechara por ocasião dos seus 90 anos. **Revista Confluência**, n. 55, p. 164-182, 2018. DOI <https://doi.org/10.18364/rc.v1i55.276>.

ANJOS, Marcelo dos. Gramática da Língua Portuguesa Padrão: (des)continuidades?. *In*: Carlos Alberto Faraco; Francisco Eduardo Vieira. (Org.). **Gramáticas brasileiras: com a palavra, os leitores**. 1ªed.São Paulo: Parábola Editorial, 2016, p. 187-214.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. 2. ed. São Paulo: Editora Unicamp, 2009.

BECCARI, Alessandro. **Tratados sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt**. Paraná: Editora UFPR, 2017.

BORGES NETO, José. 2018. A Fonologia nas Gramáticas Escolares: um estudo de história crítica. *In*: Coelho, Olga (org.). **A Historiografia Linguística no Brasil (1993-2018): memória, estudos**. Campinas: Pontes, p. 199-220.

BORGES NETO, José. **História da gramática**. Paraná: Editora UFPR, 2023.

CAVALIERE, Ricardo. **História da gramática no Brasil: séculos XVI a XIX**. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2022.

HYMES, Dell H. “Traditions and Paradigms” *In*: _____. **Essays in the history of linguistic anthropology**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983. pp.345-384.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. 22 ed. Trad. por Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2013.

KOERNER, Konrad. **Practicing Linguistic Historiography**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em Historiografia Linguística. **Revista da Anpoll**, nº 2, p. 45-70, 1996.

MURRAY, Stephen. “Theory Groups in Science” *In*: _____. **Theory groups and the study of language in North America: a social history – Studies in the history of the language sciences**, n. 69. Amsterdam: Benjamins, 1994. pp. 1-26.

POLACHINI, B. **Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa**. São Paulo: [s.n.], 2018. Tese de doutoramento. Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, Métodos y Problemas en la historiografia de la lingüística. **Nuevas Aportaciones a la historiografia lingüística – Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL**. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. 2004. p. 113-146.

SWIGGERS, Pierre. Linguistic historiography: object, methodology, modelization. **Todas as Letras S**, v. 14, n. 1, 2012, p. 38-53.

VIEIRA, Francisco Eduardo. **A gramática tradicional: história crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.